

Desengajamento ao trabalho: autenticidade, crítica e caminhos de pesquisa

**Disengagement from work: authenticity, criticism
and research paths**

**Desvinculación del trabajo: autenticidad, crítica y
caminos de investigación**

**Andressa da Silva
CORRÊA**

aurorayeshe@gmail.com

Doutora em Sociologia pelo PPG de Sociologia da UFRGS, professora da Rede Pública Municipal de Porto Alegre e participante do grupo de pesquisa de Justiça Social e Social (JusT).

**Cinara
ROSENFIELD**

rosenfield@uol.com.br

Professora Convidada do Programa de Pós-Graduação de Sociologia/UFRGS, líder do grupo de pesquisa Justiça Social e Trabalho (JusT).

145

Este artigo analisa a renúncia voluntária ao emprego de trabalhadores qualificados moradores de comunidades alternativas, identificando valores em emergência que configuram uma crítica ao trabalho e à legitimação de outros referenciais de vida boa na contemporaneidade. O texto deseja auxiliar na compreensão do mundo do trabalho múltiplo, indicando caminhos de pesquisa possíveis no que se refere às renovações da crítica ao trabalho. Afirma-se que o aporte moral às mudanças de engajamento no universo do trabalho no contexto estudado está ancorado no ideal de autenticidade, o qual teve sua crítica ao labor instrumentalizada pelo capitalismo, mas, para os entrevistados, se apresenta como possibilidade de uma crítica renovada e legitimada em seu universo social. Tais críticas se renovam na atualidade, sobretudo no pós-pandemia, através de outros movimentos, como a grande demissão e a demissão voluntária.

Palavras-Chave: Autenticidade, Crítica, Trabalho, a Grande Demissão

The article analyzes the voluntary renunciation of employment by qualified workers living in alternative communities, identifying emerging values that constitute a critique of work and the legitimization of other references of a good life in contemporary times. The text aims to help understand the world of multiple work that exists today, indicating possible research paths regarding the renewal of criticism of work. It is stated that the moral contribution to changes in engagement in the world of work in the context studied is anchored in the ideal of authenticity, which had its criticism of labor instrumentalized by capitalism, but for the interviewees it presents itself as the possibility of a renewed and legitimized criticism in their social universe. Such criticisms are renewed today, especially post-pandemic, through other movements, such as the Great Resignation and Quiet Quitting.

Keywords: *Authenticity; Critique; Labor; the Great Resignation.*

Este artículo analiza la renuncia voluntaria al empleo por parte de trabajadores cualificados que viven en comunidades alternativas, identificando valores emergentes que constituyen una crítica del trabajo y la legitimación de otras referencias a la buena vida en la época contemporánea. El texto pretende ayudar en la comprensión del múltiple mundo del trabajo, indicando posibles vías de investigación en relación con las renovaciones de la crítica del trabajo. Afirma que la contribución moral a los cambios en el compromiso con el mundo del trabajo en el contexto estudiado está anclada en el ideal de autenticidad, cuya crítica del trabajo ha sido instrumentalizada por el capitalismo, pero que para los entrevistados se presenta como la posibilidad de una crítica renovada y legitimada en su universo social. Dicha crítica se renueva hoy en día, especialmente en el periodo post-pandémico, a través de otros movimientos como el gran despido y la baja voluntaria.

Palabras clave: *Autenticidad, Crítica, Trabajo, la Gran Renuncia*

Introdução

Os movimentos de crítica a um modelo de engajamento tradicional ao trabalho têm sido tema de música¹, conversas nas mesas de bar, vídeos nas redes sociais, matérias de jornais, revistas conceituadas e sites de opinião. Apesar de diversos, esses movimentos têm em comum o questionamento ao engajamento ao trabalho sem limites, utilizando

argumentos vinculados à importância do tempo de vida fora do emprego, de uma separação e equilíbrio entre vida pessoal e profissional, além da flexibilização do tempo e da forma de trabalho. Exemplos impactantes nos últimos anos têm sido movimentos como a Desistência Silenciosa, caracterizada pelo não desempenho de funções além das estritamente previs-

tas no contrato e a Demissão Voluntária ou Grande Demissão – caracterizada pelo abandono voluntário ao emprego –, que têm início nos Estados Unidos, em 2021, mas que já estão presentes em países como França, Alemanha, Singapura, Reino Unido e Brasil (Custódio, 2022)².

Alguns números, indicados por matérias de jornais, nos ajudam a dimensionar os fenômenos: 48 milhões de demissões voluntárias nos Estados Unidos, em 2021 (Gaglioni, 2022; Custódio, 2022; Sassois & Bouilloud, 2002); 500 mil pedidos de demissões na França somente no terceiro trimestre de 2022, o maior dos últimos dez anos (Froment, 2022); no mesmo país, há dificuldades de encontrar trabalhadores disponíveis na área da saúde e da construção; no Brasil, 2,9 milhões de pedidos de demissão voluntária, entre janeiro e junho de 2022, que é o maior índice desde 2014, e, nos últimos meses de 2022, mais de 6,1 milhões de pedidos de demissão, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Exame, 2022).

Tais fenômenos também se replicam em alguns estados da federação, por exemplo, no Rio Grande do Sul, houve, em

2022, recorde nos pedidos de demissão, o maior dos últimos três anos, totalizando 460,5 mil (Custódio, 2022). Em relação à desistência silenciosa, Marasciulo (2022) mostra que Zaid Khan, tiktoker que viralizou, tem quase 500 mil curtidas e mais 4,5 mil comentários com um vídeo no qual explica o conceito de desistência silenciosa. Ao todo, conteúdos com a hashtag #quietquitting³ já acumulam mais de 260 milhões de visualizações no TikTok (Marasciulo, 2022).

Em síntese, como indica a matéria de Custódio (2022), as regras eram óbvias e naturais, as pessoas estavam acostumadas com suas rotinas e tiveram, na pandemia, com a instauração do teletrabalho e gestão flexível do tempo, possibilidade de estabelecer outras formas de organizar o dia, fato que teve como consequência a construção de um olhar crítico sobre as rotinas de trabalho anteriores. A pandemia também trouxe a possibilidade de observar questões de saúde mental, pois, de um lado, agravou a situação para pessoas que tiveram que lidar com o isolamento acoplado ao trabalho intenso, e de outro, a saída da rotina trazia a possibilidade de

¹ Referimo-nos à música “Break My Soul”, de Beyoncé, que vem sendo referenciada como um símbolo do movimento da Grande Demissão em redes sociais como TikTok.

² Atualmente, buscas vinculadas à Desistência Silenciosa e a Grande Demissão, por exemplo, trazem inúmeras reportagens e informações, especialmente se os termos forem colocados em inglês, entretanto, é importante pontuar que discussões próximas, vinculadas ao abandono do emprego ou câmbios biográficos, vêm crescendo desde 2015, como se pode ver nos seguintes exemplos: <https://www.estadao.com.br/emas/ruth-manus/a-geracao-que-encontrou-o-sucesso-no-pedido-de-demissao/>; <https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/04/globo-reporter-mostra-historias-de-quem-redescobriu-profissao.htm>

³ Termo em inglês que populariza o movimento e é traduzido para o português como “Desistência Silenciosa”.

observar o quanto ela era acelerada e escondia problemas que já estavam ficando evidentes. Como afirma Crimeri Delfino, entrevistada de Custódio (2022): “na pandemia as pessoas passaram a valorizar o afeto, o respeito e a saúde física e mental. Tudo muda nessa vida, o que não vai mudar é o tempo que você tem. Como você vai aproveitar suas 24h?”.

Este presente texto aponta para a importância desses câmbios e utilizando dados de pesquisa realizada por uma das autoras, que investigava sujeitos que abandonaram empregos por vidas em comunidades alternativas, sustenta a transição de hegemonia de um ideal de vida boa ancorado na autonomia para outro ancorado na autenticidade (Ferrara, 2002; Varga, 2012), mudança que mobiliza uma crítica renovada ao mundo do trabalho. A pesquisa de Corrêa (2017) buscou histórias de desistências de sucesso laboral, que eram resultado de escolhas deliberadas dos sujeitos de abandono de emprego a partir de transições morais de ideais de vida boa. A questão de pesquisa versava sobre como se configura a contribuição/retribuição social do trabalho para sujeitos que empenham câmbios biográficos (o abandono de trabalhos reconhecidos para vidas alternativas) em busca de maior autenticidade. Assim, este artigo apresenta esses achados em articulação aos valores e críticas emergentes no universo do trabalho, investigado por novas evidências surgidas no pós-pandemia, a saber a Grande Demissão e a Demissão Silenciosa.

A estrutura deste texto é a que segue: na primeira parte, expõem-se os dados da pesquisa de Corrêa (2017); na segunda parte do artigo, descreve-se o ideal de autenticidade e suas problematizações; e, na sequência, elabora-se o autêntico como referência para o entendimento da crítica ao trabalho empenhada pelos entrevistados. Por fim, expõe-se a conclusão do estudo em termos de potencialidades que os movimentos de crítica aos modelos tradicionais de engajamento ao labor apresentam como caminhos de pesquisa para se pensar novas elaborações sobre as mudanças no mundo do trabalho, mudanças essas que se manifestam de maneira clara na Grande Demissão e na Demissão Voluntária.

Renúncia ao trabalho para sujeitos de comunidades alternativas: esgotamento e mal-estar produtivista

Nesta seção, se descreve o objeto de análise, que é a renúncia ao emprego pelos entrevistados de Corrêa (2017). A partir daí, se identifica as críticas estabelecidas pelos trabalhadores e os valores emergentes nos câmbios biográficos que eles empenham. O argumento construído defende a presença de um mal-estar no universo produtivo estudado, que se transforma em crítica sob a agência de um meio social disponível que legitima um horizonte moral no qual se estabelece a defesa de que uma vida dedicada unicamente ao trabalho não pode ser sinônimo de vida boa.

Esclarecimentos metodológicos

Antes de trazer os dados da pesquisa, trazemos esclarecimentos metodológicos. Os dados utilizados foram coletados na pesquisa de doutoramento de uma das autoras. A investigação proposta constituiu-se como qualitativa por buscar um espectro de dados de caráter compreensivo, já que contempla a análise de como os sujeitos que empenharam câmbios biográficos contribuem socialmente a partir de seu trabalho. Segundo Strauss (2008), a pesquisa qualitativa se refere à vida das pessoas, experiências, comportamentos, emoções, sentimentos, privilegiando uma análise interpretativa centrada no detalhe. Tal perspectiva é central aqui porque se busca compreender os ideais morais e a ação dos objetos que permeiam a relação dos sujeitos com o trabalho. Neste sentido, esta pesquisa focaliza as experiências individuais, sendo importante para o estudo entender o processo de desengajamento ao emprego.

O recorte empírico foi constituído por moradores de três comunidades alternativas⁹ e de uma cidade alternativa. Somente uma das identidades será preservada devido a normativas da comunidade: Centro de Es-

tudos Budistas Bodisatva (comunidade de caráter religioso – budista – 73 moradores); Comunidade Sol Nascente⁴ (comunidade terapêutica e espiritual – 50 moradores); Comunidade Arca Verde (comunidade ecológica – média de 10 pessoas) e Alto Paraíso de Goiás (cidade com 7 mil habitantes). A escolha destas comunidades se justifica pela diversidade de temas que encerram, sendo os mesmos típicos do movimento alternativo, a saber: arte, ecologia e espiritualidade. Apesar das temáticas serem em alguma medida comuns, o número de moradores e as dinâmicas organizacionais são diferentes, o que acarreta uma riqueza de dados, relativa à relação dos sujeitos com o labor⁵¹¹, extremamente importante para o objeto desta tese.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos de imersão: em março de 2014 e novembro de 2015⁶. Na primeira coleta, realizaram-se entrevistas, já na segunda, priorizou-se a vivência de práticas nas comunidades e incluiu-se Alto Paraíso como lócus de pesquisa. Como técnica de coleta de dados, conciliou-se a observação e os relatos de campo, junto a 47 entrevistas. Destas, 41 foram caracterizadas como entrevista narrativa (Bauer & Gaskel, 2002), sendo as outras cinco conversas de cará-

⁴ Nome fictício.

⁵ Labor e trabalho são usados como termos sinônimos neste artigo.

⁶ Corrêa era moradora de uma das comunidades, assim, as entrevistas do Centro Budista Bodisatva foram feitas durante todo o ano de 2015. Importante esclarecer que a vontade de pesquisar o fenômeno surge do impacto de ver tantas mudanças biográficas radicais concentradas e questionar-se sobre que elementos levavam as pessoas a largarem seus empregos e mudarem de vida.

ter informal, realizadas em grupo. Utilizou-se também a observação como técnica de coleta, que se caracterizou pela utilização dos sentidos na captação da informação, que se dá em uma situação cotidiana, podendo a posição de o investigador variar entre participante total e observador total (Cortes, 1998). Na apreciação das entrevistas e dos relatos de campo, utilizou-se a análise de conteúdo categorial, a qual tem como objetivo o desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo agrupamentos analógicos (Bardin, 1977). As categorias foram definidas inicialmente a partir da análise das entrevistas, de maneira indutiva, e depois reorganizadas a partir da teoria. Tal empenho teve como objetivo entender a ação dos meios sociais sobre os sujeitos e os impactos destes sobre a trajetória laboral dos entrevistados.

No que tange a seu capital social, os sujeitos da pesquisa têm formação no ensino médio e dos 46 entrevistados 27 têm formação universitária. Muitos, apesar de não ter concluído a graduação, começaram a cursá-la. Em relação ao gênero, a amostra se constituiu de 10 mulheres e 27 homens. As idades variam entre 19 e 58 anos, mas a maioria dos entrevistados tem entre 28 e 40 anos, sendo que 18 deles têm filhos. Dos entrevistados, 21 tiveram carreiras bem constituídas, com altos salários e reconhecimento, outros estavam no caminho, ou seja, cursando universidade, com carteira assinada e em cursos valorados, como engenharia, ou tinham empreendimentos bem-sucedidos no mercado. Somente 10 dos entrevistados estavam

no universo laboral desqualificado e com poucas condições de sair dele (devido às baixas formações), entretanto, mesmo esses gozaram em suas trajetórias de carteira assinada, sendo uma deliberação moral migrar definitivamente para o universo alternativo. As grandes metrópoles eram o lugar de moradia da maioria dos entrevistados, antes do cambio moral. Entre os entrevistados, estavam um executivo que virou astrólogo, um político que virou acupunturista, um médico alopata que se torna homeopata, um professor universitário que virou guia espiritual budista, um estudante de advocacia que se torna guia turístico de natureza, um advogado que vira produtor de orgânicos, uma professora bilíngue que se torna professora em escola alternativa do interior, entre outros.

O esgotamento laboral

O esgotamento do trabalhador passa por questões que se relacionam à forma e ao conteúdo do trabalho. Em relação à primeira, salienta-se a cobrança por produtividade, que é traduzida em excesso de tempo dedicado à rotina laboral: deslocamentos, preparação, execução, demandas fora do horário. Já em relação ao conteúdo do labor, evidencia-se o desacordo entre a ideia de mundo do trabalhador e as ações da empresa (evidenciadas nas relações de trabalho ou no ideal promulgado pela instituição). Em relação ao esgotamento do trabalhador, veja-se:

Geralmente, é aquela coisa do não olhar, de viver a vida no automático,

de sobreviver, trabalhar, trabalhar, trabalhar pra pagar as contas, chega de noite tá cansado, você não olha de verdade seu filho, você não olha de verdade o seu marido, você mal passa algum tempo com seu marido, você acaba tendo uma relação mais profunda com quem você trabalha, então é toda uma inversão, uma bagunça que favorece a inconsciência⁷.

Na cidade, você trabalha o dia inteiro e tem só o final de semana pra você arrumar a sua casa e poder sair, se distrair e fazer alguma coisa pra você mesmo, aí você tem um filho pagando mil reais de escola pra criança, aí você vai fazer uma festa de aniversário e gasta 5 mil reais, essas coisas assim, daí quando você vê, você tá trabalhando, trabalhando, trabalhando, pagando conta o tempo todo⁸.

No primeiro extrato, há uma referência à importância da vida familiar como espaço de realização que não logra se efetivar diante do excesso de produtividade exigido pelo mundo do trabalho. No segundo, evidencia-se uma crítica ao tipo de vida da cidade que exige alta produtividade para o sustento, consumindo tempo de vida. Assim, a produtividade, apesar de garantir bem-estar material, limita o tempo de criação, de prazer,

de cuidado dos filhos e cuidado de si.

Porque com o trabalho regular você fica bastante restrita àquele mundo, você não faz incursões, por mais interessante que eu ache o meu mundo, o meu universo, de língua estrangeira, de aluno, de adolescente, eu vejo a restrição assim, porque eu mal consigo sobrevoar em outros lugares de tanto que o trabalho me consome [...]. Eu tenho tentado diminuir minha carga horária, todo ano chego na escola com uma proposta, para melhorar minha qualidade de vida, mas eu não tenho tido muito êxito⁹.

Minha vida era a loja, meu trabalho, meu dinheiro, eu vou me bancar, comecei a ganhar mais, eu pagava minhas contas, vinha reconhecimento e, nossa, era o meu trabalho. Nossa, a primeira vez que me convidaram para colocar um passo a passo em uma revista de artesanato, eu falei, nossa. Só que o dinheiro foi crescendo e o trabalho também, e ao invés da criação de produtos, eu passei para repetição de produtos. Aluguei um apartamento, mobiliei um apartamento, comprei tudo o que eu queria, parcelei, comprei a caminha com escorregador pro meu filho, sabe, realizei meus sonhos. Isso trabalhando o dia inteiro, sete dias por semana e enquanto eu aguentasse ficar acordada tava trabalhando¹⁰.

⁷ Mulher, 53 anos. Foi professora de escola privada por 10 anos. Largou tudo para morar em uma comunidade budista e dar aulas de yoga.

⁸ Mulher, 42 anos. Cursou a faculdade de Direito. Trabalhou como gerente de uma rede de lojas durante 15 anos. Devido às altas cobranças de produtividade, resolveu sair da empresa. Uma amiga que morava em Brasília (DF) a convidou pra ir pra Alto Paraíso. Lá, conheceu a cidade de São Jorge e acabou ficando por tempo indeterminado. Quando o dinheiro acabou, arrumou um emprego de garçomete para ficar na Chapada dos Veadeiros. Teve muitas inserções laborais consideradas desqualificadas, passando por dificuldades financeiras. Atualmente, é proprietária de uma loja de produtos artesanais em São Jorge.

⁹ Mulher, 29 anos. Formada em Letras (Português/Alemão), trabalhou como professora durante muito tempo em escola bilíngue em São Paulo, capital. Posteriormente, abandonou a profissão para se dedicar à prática de meditação e ao centro budista. Atualmente, está em retiro fechado de um ano.

No primeiro extrato aparece a vontade de experimentar o mundo, a qual é limitada pelo trabalho, ou seja, mesmo que o ator se identifique com sua atividade, quer tempo para realizar outras coisas. Um trabalho que consome as possibilidades de experimentação da vida denota a presença de uma ideia de boa vida que engloba não só a família, mas também tempo para experienciar o mundo contemporâneo, tão cheio de possibilidades. No segundo extrato, fica evidente que o reconhecimento social do valor da sua contribuição, via trabalho, também não sustenta a boa vida, ou seja, a crítica para essas entrevistadas não se relacionava ao conteúdo do seu trabalho, mas à necessidade de alta produtividade no mercado.

Eu, me formando em Psicologia, e muitas pessoas diziam você tem que atender, tem que atender, e eu acabei fazendo uma dupla jornada, e aí eu também quase enlouqueci, mas eu mesma acreditava que tava tudo bem, porque eu tinha o mínimo do que

teoricamente é felicidade, então era assim, lista, ela tá namorando check, ela tem um emprego check, ela tem uma carreira check, porque quando eu entrei na escola, minha carreira deslanchou, em um ano eu assumi uma sala, quatro anos depois eu virei coordenadora, então, a princípio, tava tudo bem, eu tava crescendo, além disso eu trabalhava no consultório, então eu trabalhava o dia inteiro na escola, saía, pegava trânsito de São Paulo e ia pra outro bairro atender no consultório ainda à noite. Pros meus pais era assim, minha filha é um sucesso, ela se sustenta, ela namora, ela casou, véu, grinalda, igreja, tudo aquilo e aí eu adoecendo, literal, cada hora tinha um piripaque.¹¹

O extrato acima evidencia um construto moral disseminado na sociedade que criou a expectativa nos sujeitos de que a boa vida se efetivaria no mundo da produção (trabalho) e da reprodução (família). Há muitos outros relatos na pesquisa que apontam essa receita de felicidade, entretanto, mesmo tendo sucesso, ou seja, cumprindo todos os passos para ter uma

¹⁰ Mulher, 32 anos. Fez graduação em Biologia na Universidade de São Paulo (USP), mas pouco atuou na área. Trabalhou na área de design, profissão que aprendeu de forma autônoma, e foi proprietária de uma loja online de decoração, com a qual teve grande sucesso e reconhecimento no interior de São Paulo. Em um momento de grande estresse e crise, devido à quantidade de trabalho, conheceu um namorado que estava afinado com os mestres espirituais alternativos e abandonou tudo para morar em Florianópolis. Posteriormente, foi viajar para a Nova Zelândia, e lá viveu em uma comunidade alternativa por um ano. Está em uma comunidade alternativa há três meses. Vive do dinheiro que guardou na época em que tinha loja.

¹¹ Mulher, 33 anos. Natural da cidade de São Paulo, é formada em Psicologia e Pedagogia, trabalhou um tempo em consultório, mas se estabeleceu como professora de escola bilíngue. Chegou a ser coordenadora, tendo salários altos, entretanto, não concordava com as posturas pedagógicas das escolas e também se incomodava com o ritmo de trabalho. Depois de uma viagem a Alto Paraíso, viu a necessidade de mudar de vida e pediu demissão. Logo em seguida, ficou sabendo de uma seleção para professor em uma escola alternativa da cidade e obteve o emprego. Atualmente, vive de seu salário e da renda de um apartamento que aluga em São Paulo dos Veadeiros. Teve muitas inserções laborais consideradas desqualificadas, passando por dificuldades financeiras. Atualmente, é proprietária de uma loja de produtos artesanais em São Jorge.

família e reconhecimento financeiro e social em sua atividade laboral, o sujeito não se sente realizado. Ao contrário, o sujeito se sente sugado pela produtividade e prejudicado em sua saúde física e mental, elemento que emerge como um dos grandes pontos de crítica ao trabalho.

Assim, no que tange à forma do trabalho, pontua-se que os trabalhadores investigados, dotados de capital cultural e qualificados, não se sentiam satisfeitos em prover a família e ter reconhecimento no trabalho. Esses sujeitos sentiam falta de tempo para o cuidado da saúde física e mental, exploração do mundo e para o cuidado dos outros, entretanto, além da relação entre tempo e produtividade, que é central nas críticas vinculadas à forma de trabalho, há ainda a dimensão do conteúdo do labor. Essa dimensão relaciona a perspectiva de “bem” do sujeito com a perspectiva de “bem” da empresa.

Lá em Sergipe, eu fui chamada pra estágio, porque ganhava mais que a minha carteira assinada, mas eu literalmente não consegui, eu saí de lá literalmente traumatizada. Você via o cara jogando os detritos da produção de cerveja no rio e era isso, sendo que a mesma empresa [es]tava ganhando isenção de impostos porque limpava 25% do lixo que ela jogava na água, água que a galera bebia, e era horrível porque você [es]tava aqui e lá na frente tinha casa sabe, e as pessoas estavam

usando aquela água, e imagina, você [es]tava jogando detrito de cerveja e refrigerante, que já são ruins pra saúde em si, imagina o detrito dessas bebidas, e as pessoas [es]tavam bebendo aquela água, e as pessoas [es]tavam me pagando pra eu fazer e liberar relatório sobre como realmente 25% [es]tava ficando limpo, e a galera recebe bem pra fazer isso porque é uma profissão escassa¹².

É possível perceber que o engajamento ao trabalho é limitado quando o trabalhador tem que corroborar com algo que não concorda eticamente. Fazer algo que não se acredita é moralmente insuportável para os trabalhadores qualificados, críticos e dotados de capital cultural que constituíam essa amostra. Tais fenômenos, quando vivenciados pelos entrevistados da pesquisa, tornam-se sinônimo de questionamento ético sobre os seus trabalhos.

Aí todo mundo se engana, fala em motivação e tal, mas na verdade tá todo mundo defendendo o seu lado, o funcionário negociando o melhor salário e a empresa querendo tirar o máximo pra ter lucro. Na multinacional, ninguém é muito ingênuo não, meu ideal de vida é fazer carro, ganhar dinheiro rápido, esse era o ponto. É claro que as pessoas se sentem sugadas, elas não tão numa situação de trabalho adequada, mas elas têm essa sensação de que não têm saída, daí vem a sensação da dependência do carro, do status, do dinheiro, e eu não tinha mais isso, o budismo tinha me dado outros valores¹³.

¹² Mulher, 20 anos. Estudante de Engenharia Química, largou a universidade no sétimo semestre para morar em uma comunidade Hare krishna em Alto Paraíso. Atualmente, trabalha na comunidade como cozinheira. Troca trabalho por comida, estadia e salário.

Nesta última entrevista, fica claro que os trabalhadores constroem um entendimento de que o negócio de qualquer empresa, independente do seu discurso, é o lucro. O caminho, empenhado por todos entrevistados que não eram empreendedores, foi o pedido de demissão. Na pesquisa de Corrêa (2017), mais que isso, a mudança foi acompanhada pelo encontro de espaços sociais que carregavam condições de possibilidade para menos produtividade e, ao mesmo tempo, a sustentabilidade, tanto que, na maioria dos casos estudados, ocorre a mudança para outros espaços de moradia, os quais, para alguns, ficam restritos a um período determinado e, para outros, se torna permanente.

Os espaços sociais disponíveis à mudança

A pergunta fundamental a ser respondida foi: como os espaços sociais enfrentam os sujeitos e propõem outros engajamentos ao trabalho que impõe uma ampliação da vida privada? Esse enfrentamento é pensado em relação à boa vida: produção/reprodução como espaços de realização. O primeiro elemento de enfrentamento que salta aos olhos é a natureza, pois todos os lugares da pesquisa contemplam paisa-

gens exuberantes. O concreto é substituído aos poucos. O trajeto já orienta sobre o universo a ser instaurado: cessam os carros, as casas, o asfalto. Silêncios, pássaros, o verde, o rural, o trepidar do carro.

O frio, os sapos que faziam uma orquestra, a estrada de chão, as galochas, a chuva, as trilhas difíceis acenavam para a diminuição do conforto. A comida simples, o silêncio cedo, ora se não fossem os sapos e o lago. No dormitório, meditar era a palavra central de uma placa, macela em um copo, um chocado com as cores da Jamaica, um Ganesha e um desenho de uma árvore enfeitavam a casa. A casa de madeira, pincelada de barro. Tudo muito simples. Na varanda da casa malabares, um filtro dos sonhos, bandeirinhas budistas. Um rio imenso a completar minha paisagem. Para o ouvido: notas de violão da casa ao lado e os sapos a coaxar de múltiplas formas¹⁴.

O encontro com um espaço social disponível para a mudança é fundamental, pois, estruturalmente, possibilita que o sujeito viva com menos recursos financeiros e, socialmente, proporciona um ambiente moral no qual a mudança de vida é legítima.

E aí, aquilo assim, eu lembro que foi uma coisa que eu olhava assim, aquele vento batendo sabe, passando no meio da mata pra ir trabalhar, e eu falando, nossa que diferença do trabalho, né? Porque lá eu ganhava

¹³ Homem, 38 anos. Engenheiro de formação, trabalhou muito tempo como executivo de uma multinacional. Posteriormente, abandonou a profissão para se dedicar à prática de meditação. Atualmente, se dedica à meditação e é astrólogo, atividade a partir da qual obtém sustento.

¹⁴ Diário de campo, 03/11/2015, 18h30min.

super bem, mas eu não aproveitava o meu dinheiro, porque eu não tinha tempo, não tinha férias, eu gastava o meu dinheiro no shopping, gastava meu dinheiro que minha casa era linda, parecia casa de boneca, mas sabe, aqui eu ganhava menos, mas era outra, outro trabalho, outra vontade de trabalhar, outro tudo né, só aquele caminho de ir trabalhar, aquilo era muito encantador¹⁵.

Aqui é uma que as pessoas não julgam, tem gente esquisita pra todo lado, aí tu pode[s] o que tu quiser. Aqui me fascina a forma que as pessoas lidam com o tempo, a cachoeira é bonita, mas o tempo das pessoas aqui é mais lindo, é outro tempo, é tipo aquela música: "hoje eu acordei com uma vontade de mandar flores ao delegado, de bater na porta do vizinho e desejar bom dia, de beijar o português da padaria". É tipo isso, tu sai dando bom dia pra todo mundo, tu conhece todo mundo, se tu precisa de ajuda, um vem, ouve e diz vou te ajudar, banho de cachoeira todo dia, e você vai pegar seu trabalho, o dinheiro é muito menos, mas você consegue comprar muito mais, trocar muito mais, viver muito mais¹⁶.

A vivência, aqui, é proporcionada por um meio social disponível, que propicia condições objetivas e subjetivas espaços vinculados à natureza e à espiritualidade, que se transformam em solo fértil para que a autenticidade possa se manifestar em uma mudança completa em relação ao universo do trabalho. Prioridades não relacionadas ao universo do trabalho passam a fazer

sentido como fonte de realização e contribuição com o mundo. A boa vida passa a incluir esses elementos, dos quais o sujeito não pode mais abrir mão, e esses elementos se contrapõem à lógica da produtividade, ou seja, rotinas que comportam tempo para empreender atividades vinculadas à qualidade de vida: exercícios físicos, convivência familiar, contato com a natureza, exploração de habilidades não exploradas. Assim, no processo de câmbio biográfico, ocorre a descrença no universo da produção e da reprodução (no sentido do sustento) como sinônimo de vida boa e felicidade.

Ideais de vida boa em concorrência e sua relação com o trabalho: a emergência da autenticidade na última modernidade

155

Esta seção do artigo busca identificar as configurações morais presentes no universo moderno, com o intuito de coloca-las em relação com os valores mapeados na parte anterior do artigo que tratava da Demissão Voluntária. Destarte, para além de o trabalho se constituir como motor material da sociedade moderna, se deseja entender como a atividade laboral configura-se, na atualidade, como categoria moral, relacionada ao bem viver, tema presente nas demissões. O argumento

¹⁵Mesma da nota 8.

¹⁶ Homem, 33 anos. Arquiteto, trabalhava em empresas. Resolveu abandonar tudo pra ir morar em Alto Paraíso. Atualmente, faz trabalhos diversos: malabarismo, freelancer em lojas, marceneiro, entre outros.

central a ser desenvolvido descreve as tensões morais modernas e explicita a emergência da autenticidade como elemento fundante para o entendimento das configurações atuais do universo do trabalho em sua relação com o bem viver.

Segundo Taylor (1997), a contraposição entre o individualismo desprendido e o individualismo expressivista como fonte moral de autorrealização é uma das grandes tensões modernas. O primeiro estaria fundado no sujeito que entende como caminho para sua felicidade, o controle e a disciplina no trabalho, junto à utilização da capacidade racional, calculadora, com vistas à melhoria de sua vida. A perspectiva que emerge contraposta (expressivista) pondera a incapacidade da razão como orientadora do bem e como capaz de dar significado à vida. Sua configuração defende um sujeito centrado na autodescoberta e na autoexploração, o qual busca na natureza interior, que se expressa pela originalidade e pela capacidade criativa, a base para um modelo normativo de bem e de vida plena.

Logo, na modernidade, como fontes do bem viver, de um lado, se tem o privilégio da ordem, do controle racional e da disciplina no trabalho; de outro, o privilégio da natureza interior e da autodescoberta, dos sentimentos e desejos.

Examinarei duas grandes constelações de ideias que ajudaram, de forma imediata ou no decorrer do tempo, a gerar formas de descrença. Cada uma delas combina as duas fronteiras de forma característica: uma liga uma percepção intensa de nossas capacidades de razão desprendida a uma leitura instru-

mental da natureza; a outra concentra-se em nossas capacidades de imaginação criativa e conecta-as a uma percepção da natureza como fonte moral interior. Essas formas apresentam-se como rivais, e a tensão entre elas é um dos traços dominantes na cultura moderna (Taylor, 1997, p. 412).

É importante entender que cada um desses universos morais não se apresenta de forma única, nem pura, na vida dos sujeitos, pois são mobilizados diferentes valores em diferentes momentos, entretanto, é possível identificar uma perspectiva hegemônica na condução do bem viver, e é neste sentido que se pretende entender os câmbios biográficos destes sujeitos. Taylor (1997) disserta com grande profundidade sobre essas diferentes rationalidades, entretanto, neste artigo, se explora alguns elementos em relação às suas origens históricas, dando-se ênfase à relação que esses ideais estabeleceram com o trabalho.

A perspectiva racionalista, em sua relação com o trabalho na modernidade, tem como base as elaborações de Weber (1999). O autor demonstra o engajamento dos sujeitos ao capitalismo vinculado à teoria da predestinação, legitimadora do lucro como orientador da vida, e ao ascetismo, ferramenta necessária para uma produção intensa e disciplinada. Para o autor, a ética protestante calvinista torna a plenitude da existência cristã a base do desenvolvimento do capitalismo, devendo esta ser encontrada nas atividades desta vida, em outros termos, no trabalho, na vocação pessoal, no casamento e na família.

Assim, a religião torna-se a propulsora do valor positivo do trabalho, que era percebido como uma prova do amor a Deus e deveria ser praticado de forma sóbria e disciplinada. Logo, o trabalho se torna legítimo em termos morais e configura o centro de uma ética profissional burguesa.

De forma a corroborar com esses movimentos, a Revolução Científica e o Iluminismo secularizaram a relação com o trabalho e tornaram o lucro, a exploração da natureza e o benefício do homem elementos fundamentais ao desenvolvimento da sociedade. Segundo Taylor (1997), esses elementos colocavam no quadro moral moderno que: “a vida humana plena agora é definida em termos de trabalho e produção, de um lado, e casamento e vida familiar, do outro. Ao mesmo tempo, as atividades “superiores” de antes passam a sofrer críticas vigorosas” (Taylor, 1997, p. 276). As éticas do status, da contemplação ou do guerreiro, predominantes em épocas anteriores, foram abandonadas.

Tais mudanças históricas propiciaram a dignificação do comércio e do dinheiro, pois cada sujeito cumpre uma função para a sociedade e promove a paz quando empreende atividades produtivas e colhe seus resultados: “Afirmar a vida cotidiana significava valorizar o controle eficiente das coisas que a preservavam e melhoravam e, ao mesmo tempo, valorizar o distanciamento em relação às fruições puramente pessoais que enfraqueceriam nossa dedicação a seu florescimento geral” (Taylor, 1997, p. 299).

Taylor (1997) aponta que essa pers-

pectiva faz parte do ideal de boa vida hegemônico na cultura moderna, o qual está imbuído de uma aparência naturalista, ou seja, a valorização da vida cotidiana é um imperativo moral moderno que se instaura na vida social como destituído de valor, sendo disseminado como o “bem” natural. Apesar disso, essa é somente uma entre as configurações de bem.

Por outro lado, em termos históricos, a ética vinculada ao sentimento, denominada como ética da autenticidade, surge no final do século XVIII e tem sua primeira manifestação com o pensamento romântico, que enaltecia a natureza e os sentimentos interiores, contrapostos à razão, como fonte moral. Posteriormente, o expressivismo redefine o movimento autêntico e o bem viver passa a ser uma fusão do sensual com o espiritual, incorporando também o nomadismo, momento que Taylor vincula à geração “paz e amor” de 1960.

Por fim, o autor indica uma terceira manifestação da autenticidade que estaria representada em muitos movimentos artísticos modernos vinculados à produção estética e nos escritos de Nietzsche, por exemplo. Esta última forma expressivista pretende dissolver o ético e o estético, centrando-se mais nas experiências produzidas sobre si e sobre os outros do que nos objetos construídos (Taylor, 1994). Em todos os momentos, há a emergência de valores vinculados a uma moral que privilegia o gozo de viver, a carga emocional e a garantia da identidade (Honneth, 2006).

Como já se mencionou, a crítica moral fundadora do autêntico faz referência, en-

tre outras fontes, ao legado romântico, que vincula o mal-estar moderno à primazia da razão. Ao contrário, defende a necessidade do vínculo aos sentimentos como forma de realização: “os seres humanos foram triplamente divididos pela razão moderna: dentro de si mesmos, entre si mesmos, e frente à natureza” (Taylor, 1994, p. 122, tradução própria)¹⁷. A razão instrumental teria imposto aos homens uma atitude atomista e uma certa insensibilidade à natureza, já que o controle dos processos naturais para o benefício do homem passou a ter relevância. Assim, para Taylor, o ideal de autenticidade, se recuperado em seus termos fundamentais, poderia sanar as patologias vinculadas à desagregação moderna. Tal potencial do autêntico se fundamenta em sua origem social vinculada a movimentos históricos, como se pontuou no parágrafo acima.

Além disso, esse ideal não trata da defesa da diferença em si, seja ela qual for, mas de valores dotados de conteúdos relativos ao bem coletivo como o gozo de viver, o privilégio dos sentimentos, a descoberta e garantia da identidade, elementos comuns aos diferentes movimentos históricos que constituíram o ideal e que possibilitariam uma construção normativa generalizável ao todo social. Logo, a autenticidade seria um referencial novo para aprofundar as próprias instituições da modernidade: de-

mocracia, direitos e liberdade.

Destarte, para Taylor (1994), a autenticidade orienta atualmente quem somos, pois a necessidade de originalidade e de descoberta de si está posta. A questão sobre a articulação da identidade é condição para o bem viver, elemento que se apresenta como novidade histórica. Mesmo na sociedade moderna democrática, que teve como marco a busca por autonomia, ainda era possível se definir a partir dos papéis, principalmente os vinculados ao trabalho. Entretanto, a consolidação do ideal de autenticidade, a partir da década de 1960, rompe com esse nivelador, pois os sujeitos são impelidos a descobrir sua forma original de se colocar no mundo:

Existe certa forma de ser humano que constitui minha própria forma. Estou destinado a viver minha vida desta forma, e não a imitação de nenhuma outra. Mas com isso se confere nova importância ao fato de ser fiel a si mesmo. Se não, perco de vista a chave da minha vida, e o que significa para mim ser humano (Taylor, 1994, p. 64-65, tradução própria).¹⁸

Em relação ao trabalho, nos três momentos – romântico, geração paz e amor e experimentação estética –, salienta-se a contraposição que a autenticidade teria em sua origem à economia mercantil e ao próprio trabalho, tal como organizado na sociedade moderna, pois se constituiria

¹⁷ Los seres humanos habían sido triplemente divididos por la razón moderna: dentro de si mismos, entre si mismos, y frente a la naturaleza (Taylor, 1994, p. 122).

a partir de um individualismo qualitativo que preza pela vontade da descoberta e da experiência de si (Honneth, 2006). Em uma perspectiva ainda mais ampla, autores como Ferrara (2014) afirmam, inclusive, que a autenticidade, sendo o grande valor moral em emergência nos últimos 60 anos, deveria nortear as escolhas morais e as resoluções de conflitos na sociedade moderna, pois garantiria uma ressonância pessoal aos princípios morais, que não poderiam mais ser externos ao próprio ator: “a tese da autenticidade afirma que a noção de subjetividade autêntica está para a modernidade contemporânea assim como a noção de subjetividade autônoma para o início da modernidade” (Ferrara, 2002, p. 4 apud Rosati, Weiss, 2015, p. 148).

Sobre os diagnósticos da autenticidade, existem várias discussões em curso. De um lado, os autores discutem seu potencial enquanto horizonte normativo na construção intersubjetiva do social e identificam que a autenticidade, apesar de seu potencial agregador, gerou um individualismo descomprometido (Honneth, 2006; Taylor, 1997)¹⁸¹⁶. De outro lado, dissertam sobre a autenticidade em sua relação com

o trabalho e concluem a instrumentalização do ideal pelo capitalismo, em outros termos, sua transformação em força produtiva. Em relação a esse último ponto, a tese geral é que o ideal autêntico perde sua finalidade interna – vinculada ao gozo de viver, à ênfase aos sentimentos, que seriam contrapostos ao trabalho – e transforma a mobilidade, a expressão, a flexibilidade e a capacidade de se ajustar em demandas do mercado. Assim, a nova moral cotidiana, de caráter hedonista, que preza pela vontade de descoberta e experiência, instrumentaliza a subjetividade do sujeito no capitalismo; a realização de si, via sentimentos e prazer, é vinculada a uma biografia profissional (Honneth, 2006), elemento que instrumentaliza a subjetividade, em prol da produtividade.

No que tange às manifestações históricas da influência da autenticidade no mundo do trabalho, é possível indicar as mudanças do setor da produção com a ascensão do Toyotismo. Este trazia a possibilidade de manifestação da subjetividade dos trabalhadores nas equipes autogestionárias, focadas na resolução de problemas que surgiam na produção (Laranjeira,

¹⁸ Existe cierta forma de ser humano que constituye mi propia forma. Estoy destinado a vivir mi vida de esta forma, y no a imitación de la ningún otro. Pero con ello se concede nueva importancia al hecho de ser fiel a uno mismo. Si no lo soy pierdo de vista la clave de mi vida, y lo que significa ser humano para mí (Taylor, 1994, p. 64-65).

¹⁹ No final do livro *As fontes do self*, o autor elabora algumas considerações, cujo argumento é que as consequências políticas do expressivismo se unem ao instrumentalismo, pois não logram gerar o sentimento comunitário vinculado à responsabilidade universal: A ética gerada além da autorrealização é exatamente a da justiça procedural, que desempenha um papel importante na perspectiva instrumentalista. Politicamente, esse lado da “contracultura” encaixa-se perfeitamente no mundo instrumental e burocrático que pretendia questionar. E o fortalece (Taylor, 1997, p. 649).

2006). Também se destacam as políticas públicas de incentivo ao empreendedorismo, na direção da inserção de demandas por autenticidade no mercado de trabalho, pois as mesmas se multiplicaram de forma significativa nos últimos anos e prometem autonomia, flexibilidade e manifestação da subjetividade no empreendimento, valores que, como já se pontuou na primeira parte do texto, são proeminentes para a atualidade e que não eram contemplados de forma plena no modelo assalariado canônico (Mello et al. 2015). Com estas mudanças institucionais, o capitalismo ocidental, nos últimos anos, transformou o ideal prático da autenticidade em uma ideologia da força produtiva, junto a um sistema econômico desregulamentado, tendo como consequência intensidades de doença e sofrimento até o momento desconhecidas (Varga, 2012).

Em suma, o diagnóstico aponta que não há condições de possibilidades para a autenticidade se manifestar de forma original e macro, em um sistema capitalista que, apesar de suas liberdades, instaura a lógica dominante de eficiência e produtividade. A autenticidade se transforma, no capitalismo, em capital humano e, como bem aponta Varga (2012), esgota o eu; ou seja, a empresa busca funcionários com habilidades vinculadas ao ideal autêntico (mobilidade, expressividade, originalidade), e o trabalhador considera sua originalidade como capital humano. Ambos se movimentam a partir de uma lógica vinculada à maximização de recursos, de maneira que a subjetividade se transforma

em objeto de venda e exploração.

De forma a avançar nas reflexões, se refletirá agora sobre a possibilidade da autenticidade se manifestar de forma diversa à instrumentalização, apontada pelos autores de referência. Perceber tal dimensão nos auxiliará a entender a renovação da crítica autêntica no universo do trabalho, argumento que vem sendo defendido pelo artigo. Em primeiro lugar, fica evidente nos dados a aproximação das justificativas dos sujeitos para empreender o abandono do emprego com os valores colocados no ideal autêntico: o cuidado com a saúde, com o corpo, com os outros (perspectiva autêntica vinculada à geração “paz e amor”); a experimentação do mundo (posição próxima a perspectiva estética); a expressão ética de si no mundo (perspectiva romântica). É claro que os sujeitos não se identificam com as três justificativas, há grupos de críticas, e para cada um dos trabalhadores um deles é mais relevante. Apesar disso, é interessante perceber que não houve críticas novas, ou seja, que não pudessem ser relacionadas com as trazidas desde a década de 1960 pelo ideal da autenticidade.

Não obstante, e mais importante do que aproximar o ideal de autenticidade às críticas empreendidas pelos movimentos atuais, o que se defende neste artigo é que se observa agora uma renovação da crítica a partir do autêntico. Assim, no momento atual, o autêntico é demandado pelos sujeitos, na maioria dos casos, fora do universo de trabalho. Assim, trata-se das condições de possibilidade para se viver valores herdeiros da autenticidade também no plano

da vida pessoal. Isso difere do primeiro movimento de crítica que exigia autenticidade dentro do universo do trabalho.

É claro que as demandas da década de 1980 não sumiram, ou seja, flexibilidade, mobilidade são inclusive, questões cada vez mais presentes, como aponta toda literatura que se estabelece desde os anos 1970 com a forma de produção toyotista. Apesar disso, elas são ampliadas com a demanda de tempo para a vida privada atacando o excesso de demandas por produtividade. Os trabalhadores entrevistados não se sujeitam mais às determinações das empresas, querem tempo para o prazer, fruição e relações intensas.

A não identificação com o trabalho e uma identidade construída no universo e no tempo dedicado à vida privada ou no tempo limitado dedicado ao trabalho, mesmo quando há uma identidade construída a partir deste, torna-se o elemento central na construção de uma crítica a um labor que não mais pode consumir o tempo de vida²⁰. Assim, entre os entrevistados, o autêntico foi parcialmente instrumentalizado, ou seja, ele serve ao trabalho empreendido pelos sujeitos, mas também para concretizar uma crítica, limitando o tempo dedicado ao

labor. Entende-se que há a emergência de uma crítica coletiva, mesmo que ela não se transforme em uma luta coletiva.

Como já se pontuou entre os nossos entrevistados, a crítica não se estabelece de forma natural – mesmo que o mal-estar em relação ao trabalho já estivesse presente na exigência de alta produtividade e nas doenças decorrentes. A emergência da crítica, enquanto ação concreta de mudança de vida, ficou refém de um meio social disponível que legitimou a afirmação moral da necessidade da qualidade de vida em detrimento da produtividade no trabalho.

Como se trata de um movimento que não busca garantias e novo direitos construídos de forma tradicional, pode-se inferir que o risco da instrumentalização das novas manifestações da autenticidade seria, paradoxalmente, torná-la só mais uma faceta da sociedade narcisista, como já pontuou Taylor (1994). Se, por um lado, a autenticidade remete a alternativas individuais de autonomia e rompimento com a subordinação típica do trabalho, por outro, há limites claros em se pensar nessas alternativas como um projeto de liberdade social para todos.

Qual seria o potencial da autenticidade

²⁰ Mesmo para os sujeitos que têm como justificativa de crítica ao mundo produtivo o elemento ético no próprio labor, a mudança se estabelece e o caminho escolhido é fundar sua própria empresa. Assim, também neste caso, a instrumentalização é limitada, pois o valor primo não é a produtividade e a maximização do lucro, mas a realização de si, uma vida com menos tensão e de acordo com suas crenças. Exemplos dessas mudanças podem ser vistos desde 2015, como neste Globo Repórter (<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2015/04/globo-reporter-mostra-historias-de-quem-redescobriu-profissao.html>), até 2023, como mostra essa matéria do jornal Le Monde (<https://www.instagram.com/p/CqKnVQANaIW/?igshid=MDJmNzVkJY=>).

de emancipação e renovação das lutas vinculadas ao universo do trabalho? Será que esse ideal tem o poder de construir justificativas comuns que possam servir a todos os trabalhadores ou as pautas de menores jornadas? Flexibilidade é um privilégio moral de trabalhadores qualificados? Não seria a autenticidade um luxo de quem pode se colocar questionamentos da ordem dos valores porque construiu um capital em sua vida pregressa decorrente de seu capital cultural? Sim, mas não somente. Os valores e as demandas emergentes dos trabalhadores evidenciadas nesse trabalho podem formar novas gramáticas morais que sirvam para formular pautas a serem incorporadas pelas lutas dos trabalhadores.

Considerações finais e perspectivas de pesquisa

O artigo buscou elucidar uma parte do mosaico que hoje forma o diverso universo laboral indicando novos objetos de análise para a sociologia do trabalho. Há, na desistência ao emprego dos sujeitos desta pesquisa, novas pretensões de subjetividade, vinculadas ao ideal de autenticidade, e críticas renovadas, já que os entrevistados, além de questionar o conteúdo e a forma do trabalho, pautam também o tempo dedicado à produção. Além disso, a indicação sobre a necessidade de se estabelecer um meio social disponível à legitimização da possibilidade de desvalorização do universo produtivo e mudança de vida é outro indicativo fundamental do artigo. Assim, empreender uma forma de

vida que se contrapõe à ideia de que o valor da pessoa como ser humano é construído em correlação com a sua identificação como trabalhador necessita de aporte social para ser empreendida pelos sujeitos e ser considerada legítima. Na pesquisa, foram as comunidades alternativas que se transformaram nesse meio social disponível à mudança biográfica.

Para além, como conclusão, indicamos a necessidade de ampliação de pesquisas neste campo da Sociologia do Trabalho, trazendo à tona, nos parágrafos que seguem, como as questões colocadas neste artigo estão na ordem do dia. Para tanto, retomamos alguns dados sobre a Desistência Silenciosa e sobre a Grande Demissão, por entendermos estes fenômenos sociais como exemplos correlatos à pesquisa de Corrêa (2017), os quais consideramos campos potentes para futuras pesquisas vinculadas ao tema do artigo.

Um apanhado geral de matérias de jornal²¹ traz os seguintes elementos geradores da Grande Demissão e da Desistência Silenciosa, em ordem de frequência e importância: a pandemia com suas novas rotinas incluindo, em muitos casos, a mudança de endereço possibilitada pelo trabalho remoto (Gaglioni, 2022); a qualidade de vida, com mais tempo dedicado ao exercício físico, a elaboração da própria comida, o convívio com os familiares (Custódio, 2022); a diminuição da pressão e o aumento da flexibilização do tempo e do espaço de trabalho (Custódio, 2022); e, por fim, um tema com menor expressão, mas presente, são os questionamen-

tos éticos sobre os trabalhos desenvolvidos pelas empresas (Saussois; Bouilloud, 2022). Assim, os motivos da mudança dos entrevistados de Corrêa e dos relatos atuais são muito próximos.

Se, nos casos de Corrêa (2017), os elementos que concretizam a mudança são a vivência da espiritualidade e da natureza, parece ser a pandemia com seus agenciamentos que se configura como o meio social disponível à mudança dos sujeitos vinculados à Desistência Silenciosa e a Grande Demissão. Os novos modos de vida emergem sob condições objetivas e subjetivas de crítica. No caso das objetivas, em 2016, seriam possibilidades de se viver de forma mais simples e, em 2022, o teletrabalho que se coloca de forma imperativa. Quanto às subjetivas (relacionadas a uma legitimidade social e moral), em 2016, nos espaços estudados, sair da dinâmica de trabalhar sem limites é uma ação valorada pela comunidade que ocupa os lugares vinculados à natureza e à espiritualidade, e, em 2022, nossa hipótese é de que a pandemia, trazendo a iminência da morte, tornava legítimo valorizar a vida, o cuidado e a qualidade do tempo

não dedicado ao trabalho. A vida que vale a pena ser vivida é aquela que abarca diferentes dimensões da existência dos sujeitos, uma renovada gramática moral, que pauta a busca pelo direito a um tempo de trabalho que comporte o tempo da qualidade de vida, se estabelece e pode ser mobilizada e legitimada: você ainda cumpre suas tarefas, mas não está mais concordando com a mentalidade hostil de que o trabalho tem que ser sua vida. A realidade é que não é, e seu valor como pessoa não é definido pelo seu ofício (Zhain apud Marasciulo, 2022, p. 4)²².

Para se entender melhor a amplitude e dimensão dos fenômenos de crítica ao trabalho, pontuamos que é necessário se questionar sobre como os recortes de raça, classe e gênero se relacionam com a Grande Demissão e a Desistência Silenciosa; entretanto, utilizar questões e conceitos como meio social disponível à mudança, mapear as pretensões de subjetividade emergentes e sua relação com a autenticidade abrem caminhos para explorar o campo considerando as variáveis supracitadas. Sabe-se que, nos países de economia central, o movimento é em-

²¹ A motivação para escrever este artigo surge com as notícias sobre a Grande Demissão. A partir daí, fomos coletando materiais de forma exploratória. Em síntese, lemos materiais de quatro jornais (Le Monde, Le Figaro, Nexo e Zero Hora), e matérias de revistas e sites (Exame, UOL e Revista Galileu). O tema ainda continua em evidência, com temáticas muito próximas como mostra a matéria da Folha de São Paulo publicada no dia 26 de janeiro de 2024, com a matéria intitulada: “Desistir do trabalho dos sonhos pode ser recomeço da rota profissional: Quiet ambition”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2klHxmvgYe/?igsh=MWZ2anJibjB2cGg3aQ%3D%3D>. Acesso em: 1 fev. 2024.

²² Palavras de Zhain, TikToker que viralizou e impulsionou o movimento “quietquietting”, a partir de um vídeo gravado em meio a áreas verdes.

preendido por trabalhadores de setores menos qualificados, entretanto, as justificativas que embasam e são prioridade nessas mudanças de vida teriam que ser investigadas com maior precisão; ou seja, como melhores condições de trabalho, reconhecimento ou demandas por mais tempo livre e necessidade de experimentação da vida se colocam a estes trabalhadores menos qualificados. No Brasil, o movimento está vinculado a trabalhadores qualificados, dotados de capital cultural, sendo o tema da quantidade e qualidade do uso do tempo da vida o motivador do engajamento à Grande Demissão ou à Desistência Silenciosa²³ que mais apareceu nas matérias de jornal consultadas. O movimento brasileiro faz emergir a questão sobre em que medida esses movimentos não traduzem um privilégio moral e material em países periféricos, questão ainda a ser desenvolvida.

Se os movimentos de crítica ao trabalho – que pautam flexibilidade no que tan-

ge ao local de trabalho, uma rotina com mais tempo livre, maior contato com os filhos e, incisivamente, uma nova cultura de exigência de produção equilibrada com a qualidade de vida – se ampliarão ou legitimarão para além do campo de Corrêa (2017), transformando o “Sossego” de Tim, o “Ouro de Tolo” de Raul e o “Break my Soul” de Beyoncé em demandas generalizáveis e que impactam a vida social é algo a ser descoberto. Aqui, o objetivo do artigo era descrever e inferir sobre as gramáticas morais postas por trabalhadores que vêm desistindo do emprego em prol de vidas alternativas, fazendo emergir os ideais morais que permearam esses sujeitos – no caso, a autenticidade – e as condições de possibilidades ou, em outras palavras, os meios sociais disponíveis, para que as críticas ocorram. Neste sentido, espera-se que este artigo tenha contribuído para o entendimento do mundo do trabalho e suas gramáticas morais emergentes.



²³ Uma das entrevistadas da ZH alega que, no presencial, precisava acordar às 7h para ir ao trabalho, que começava às 9h. Chegava estressada porque não via o filho, se arrumava rápido, enfrentava uma hora de trânsito. Na pandemia, acordava às 7h, fazia exercícios, tomava banho, degustava o café, interagia com o filho e estava, então, pronta para trabalhar de forma online. Ela é uma das entrevistadas que pediu demissão e presta serviços a diferentes empresas trabalhando de forma híbrida. Aqui a dimensão da segurança é relegada a segundo plano em prol da autonomia, movimento já comum entre os trabalhadores, como apontam algumas pesquisas (Rosenfield, 2018).

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (1997). Análise de Conteúdo. Edições 70.
- Bauer, M., Gaskell, G. (Eds.). (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Vozes.
- Corrêa, A. (2017). O cultivo de si como cultivo do mundo: o encontro entre sujeitos e objetos autênticos na eclosão de novas estéticas de contribuição/retribuição social. [Tese de doutorado]. UFRGS.
- Cortes, S. V. (1998). Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. Cadernos de Sociologia, 9:11-47.
- Custódio, A. 2022. Busca por flexibilidade puxa alta das demissões voluntárias. Jornal ZH, Porto Alegre. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2022/07/quais-sao-os-motivos-que-explicam-o-aumento-dos-pedidos-de-demissao-cl5wka9p3002v014svpm-cgpp3.html>
- Ferrara, A. (2014). La autenticidad y la normatividad de la identidad en Rousseau. Signos Filosóficos, 16(31):159-190.
- Ferrara, A. (2022). Reflective Authenticity: Rethinking the Project of Modernity. Routledge.
- Froment, C. 2022. Desormais, la famille est plus importante que le travail. Le Figaro. <https://www.lefigaro.fr/story/desormais-la-famille-est-plus-importante-que-le-travail-15472>
- Gaglioni, C. (2022). Como o fenômeno da “grande demissão” chega no Brasil. Nexo Jornal. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/08/25/Como-o-fen%C3%A9meno-da-%E2%80%98grande-demiss%C3%A3o%E2%80%99-chega-no-Brasil>
- Honneth, A. (2006). La société du mépris: vers une nouvelle Théorie Critique. La Découverte-Gallimard.
- Honneth, A. (2008). Trabalho e reconhecimento: tentativas de uma redefinição. Civitas, 8(1):46-67. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2008.1.4321>
- Laranjeira, S. (2006). Fordismo e pós-fordismo. In Cattani, A. D., Holzmann, L. (Orgs.). Dicionário Trabalho e Tecnologia (pp. 133-136). UFRGS.
- Marasciulo, M. (2022). Somente o necessário. Revista Galileu. <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/noticia/2022/12/o-que-esta-por-tras-do-movimento-da-desistencia-silenciosa.ghtml>
- Pinzani, A. 2013. Os paradoxos da liberdade. In Melo, R. (Org.). A teoria crítica de Axel Honneth: Reconhecimento, liberdade e justiça (pp. 79-94). Saraiva.
- Ramirez, M. T. (2008). Autenticidad y frónesis: de Ferrara a Villoro. Saberes, 1(1):84-105.
- Redação. (2022). Por que Beyoncé se tornou símbolo do movimento global da grande demissão? Exame. Disponível em: <https://exame.com/carreira/por-que-beyonce-se-tornou-simbolo-do-movimento-global-da-grande-demissao/>
- Rosenfield, C. L. (2018). Labour, self-entrepreneurship in Brazil and paradoxes of social freedom. Transfer, 24(3):337-352. <https://doi.org/10.1177/1024258918775535>
- Rosenfield, C., Almeida, M. (2014). Contratualização das relações de trabalho: embaralhando conceitos canônicos da sociologia do trabalho. Política & Trabalho, 41:249-276.
- Rosenfield, C., Mello, L., Corrêa, A. (2015). Reconstução normativa em Axel Honneth e os múltiplos justos do mercado de trabalho. Civitas, 15:664-685. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.4.21667>
- Saussois, J. M., Bouilloud, J. P. (2022). Pour quoi et à quoi consentir. Le Monde. <https://www.lemonde.fr/idees/article/2022/06/10/jean-philippe-bouilloud-et-jean-michel-saussois-pour-quoi-et-a-quoi-consen->

tir-quand-on-s-engage-dans-un-travail_6129705_3232.html

- Strauss, A. 2008. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Artmed.
- Talbot, C. (2022). Grande démission: les Etats-Unis inventent l'entretien de fidélisation. Le Monde. https://www.lemonde.fr/emploi/article/2022/06/15/grande-demission-les-etats-unis-inventent-l-entretien-de-fidelisation_6130338_1698637.html
- Taylor, C. (1994). La etica de la autentici-

dad. Ediciones Paidós.

- Taylor, C. (1997). As fontes do self: a construção da identidade moderna. Loyola.
- Varga, S. (2012). Authenticity as an Ethical Ideal. Taylor & Francis.
- Weiss, R., Rosati, M. (2015). Tradição e a autenticidade em um mundo pós-convencional: uma leitura durkheimiana. Sociologias, 17(39):110-162. <https://doi.org/10.1590/15174522-017003904>